

a qual só as práticas têm capacidade para organizar uma estrutura.

Uma extensa bibliografia temática (pp. 423-454) completa o volume, assinalando a seriedade do estudo nele apresentado.

JORGE COUTINHO

SAGRADA ESCRITURA

GETTY-SULLIVAN, Mary-Ann, **Les paraboles du Royaume. Jésus et le rôle des paraboles dans la tradition synoptique**, coll. «Lire la Bible», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 282 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09017-9.

Escrito com o jeito próprio de uma mulher, que estudou teologia na Universidade de Lovaina e tem dado cursos sobre o Novo Testamento nos Estados Unidos durante vários anos, este livro constitui uma preciosa ajuda para compreender as parábolas narradas nos evangelhos sinópticos e, mais que isso, para compreender o próprio segredo deste modo de Jesus comunicar o mistério incomunicável. A autora sugere isso mesmo quando, logo de entrada, na sua Introdução, faz notar que «as parábolas estão particularmente adaptadas à linguagem religiosa porque afirmam que Deus, ao mesmo tempo, 'é como' e 'não é como' as pessoas, as práticas ou os acontecimentos que conhecemos».

Na verdade, como observa também, comentando uma definição de parábola proposta por C. H. Dodd, esta 1) é sempre uma comparação; 2) que diz algo de novo e desconhecido a partir de algo conhecido da vida corrente ou da natureza; 3) contendo um giro inesperado, que choca pelo seu carácter estranho; 4) suscitando nos ou-

vintes ou leitores uma certa dúvida que os provoca a uma reacção de pensamento pessoal. Nesta base, M.-A. Getty-Sullivan explica, na mesma Introdução, o que é uma parábola, a diferença da alegoria, o que devemos entender por Reino de Deus; compara as parábolas do AT com as do NT; examina o papel das parábolas no ensino de Jesus e particularmente nos sinópticos; etc.

No seu desenvolvimento, expõe sucessivamente sobre as parábolas de Marcos, Mateus e Lucas, com considerações específicas para cada um dos evangelistas, em plano de generalidade, prosseguindo com a exposição interpretativa de cada das parábolas narradas nos respectivos evangelhos.

O livro revela conhecimento da matéria, capacidade hermenêutica e jeito literário. Não tem aparências de livro erudito (ausente está o chamado aparato científico, sendo escassas as notas de rodapé e outros elementos próprios de livros resultantes de investigação científica). Apresenta-se, antes, como livro de divulgação, mas de nível elevado, oferecendo-se como de grande utilidade, e mesmo grande prazer, à leitura não só do crente comum como à daqueles que se dedicam, como sua especialidade, aos estudos da Sagrada Escritura.

LUÍS SALGADO

HUBAUT, Michel, **Un Dieu qui parle! Comment Dieu se révèle-t-il à l'homme?**, coll. «Épiphanie», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 232 p., 195 x 135, ISBN 978-2-204-09035-3.

Aí está um livro de alto valor, não obstante a sua aparente singeleza. Um livro que conviria ser traduzido em por-

tuguês e em outras línguas, e ser lido por muitos dos nossos cristãos, sem excluir os cristãos bispos e padres, enfim por todos quantos exercem a função de pregadores, catequistas e formadores na área da Sagrada Escritura. Escrito por um franciscano, conferencista e animador de múltiplas acções de formação, utilizando, tal como o de M.-A. Getty-Sullivan atrás apresentado, um nível de linguagem própria da divulgação em nível superior, ele responde com rara clareza a múltiplas questões de fundo que se levantam ao comum leitor da Bíblia. Em resumo, ele ensina em que, verdadeiramente, consiste a Revelação, ou o que significam as múltiplas expressões que se referem a uma «Palavra de Deus», dita pelo mesmo Deus em múltiplas circunstâncias e de diversos modos.

De facto, tem razão M. Hubaut quando exprime a sua própria estupefacção sempre que, ainda novo, lia ou ouvia coisas como «Deus disse a Abraão», «Deus disse a Moisés», «Oráculo do Senhor», e semelhantes. Como pode Deus falar, se não tem boca nem pode ser visto face a face? Saber como verdadeiramente devem ser entendidas expressões como estas, saber, enfim, como se passou o processo da Revelação e, conseqüentemente, como deve ser lida a Bíblia, eis o que aqui é proposto, prestando um valioso serviço para que se evitem as leituras literais (fundamentalistas) e mesmo para que se tenha uma ideia de Deus mais próxima da sua verdade.

Pessoalmente, de há muito me inquieta a insistente preocupação de muitos padres e bispos pela leitura do que chamamos a «Palavra de Deus» contida na Bíblia, porque não a vejo acompanhada pela oferta de subsídios como este, para que quem lê aquele livro sagrado seja capaz de o ler como deve ser lido. Ora, é precisamente a esta preocupação que responde este livro

de Michel Hubaut. Por isso acho que só haveria vantagem na sua divulgação em múltiplas línguas e espaços eclesiais.

No fundo, trata-se de uma espécie de introdução à compreensão e à leitura da Bíblia, onde são versados temas como a comunicação de Deus com o seu povo, a inspiração, o profetismo, a progressiva personificação da Palavra de Deus a desemboçar na Encarnação, Jesus como intérprete de toda a Bíblia, o mistério da escuta no AT e no NT, a *lectio divina*, a formação do cânone das Escrituras, a constituição conciliar *Dei Verbum*, a mensagem do Sínodo sobre a Palavra de Deus (2008). Livro verdadeiramente instrutivo, de conteúdo cheio de interesse e de leitura acessível.

JORGE COUTINHO

FISCHER, Irmtraud, **Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament. Des femmes conseillères et éducatrices au nom de Dieu**, coll. «Lire la Bible», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 272 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09019-3.

Irmtraud Fischer é já conhecida dos leitores desta revista. Com efeito, o livro de que se publica agora a tradução francesa acresce a dois outros precedentes, com os quais forma uma trilogia: *Des femmes aux prises avec Dieu* (2008) e *Des femmes messagères de Dieu* (2009). Do segundo fez-se apresentação em *Theologica* 44, 1 (2009) 219-220. Vice-Reitora da Universidade de Graz (Áustria) e professora titular de Antigo Testamento, dirige um instituto de investigação veterotestamentária e participa no empreendimento internacional de uma enciclopédia em vinte e dois volumes – «A Bíblia e as mulheres» – de que já saiu o primeiro (Tora), sob a sua direcção.